

A COVID-19 E A ÉTICA DO PAPA FRANCISCO: A IGREJA DOMÉSTICA EM UMA MUDANÇA NECESSÁRIA!

Robson Ribeiro de Oliveira Castro¹

RESUMO

A pandemia da Covid-19 vitimou milhares de pessoas. Trata-se de uma realidade nunca antes concebida. Diante dos desafios, somos chamados a nos colocar no processo de reinvenção do cotidiano. Atrelar as nossas realidades uma espécie de “um mundo novo” onde um “novo normal” é necessário, como nos apresentou o Papa Francisco sempre atento à realidade do próximo em sua ética social do cuidado. As Igrejas vazias e as celebrações on-line deram um novo ar à realidade eclesial: a mudança ocasionou um maior envolvimento de todos ao celebrarem juntos. Entretanto, só será possível esta mudança sob a condição de sermos responsáveis por colaborar e ousar construir um novo mundo. Assim, utilizaremos de discursos e pronunciamentos do Papa Francisco frente à realidade da pandemia: a sua preocupação por uma ética social com os mais frágeis e os mais necessitados. Desta forma, há um convite a ser feito: recriar a esperança e gestar uma realidade nova, novos projetos e outro jeito de viver: mais humano, ético e solidário. Assim, buscaremos observar o desenvolvimento das famílias em seus lares e a proposta de uma forte atuação frente ao isolamento e distanciamento social. Destarte, esta realidade gera grandes dúvidas frente ao que estar por vir, entretanto, foi possível observar um crescimento diante da realidade e da vida do outro. Neste contexto, buscaremos uma realidade como os primeiros discípulos que se encontravam nas casas para orar e fazer a partilha. Desta maneira, observaremos a realidade de uma Igreja-templo vazia, mas número de celebrações on-line e o crescimento da consciência de ser Igreja doméstica de cada família. Para tanto, isso tudo só foi possível devido à fé e à religiosidade do povo que acolhe os desafios que se apresentam e transformam o contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19. Igreja doméstica. Papa Francisco. Ética social.

1 INTRODUÇÃO

Em meio à situação de isolamento e distanciamento social ocasionado pela a pandemia da Covid-19, ocorreram grandes e necessárias mudanças no comportamento social de cada ser humano que se preocupa com o próximo. Nesta realidade, diante das diversas mudanças houve uma alteração forçada em todos os setores e até na proposta de uma “Igreja em saída” (FRANCISCO, 2013, n. 24).

Assim, a realidade do isolamento social fez com que as nossas relações se tornassem mais virtuais, evitando o contato físico. Desta forma, encontramos e observamos a importância dos meios de comunicação como: internet, rádio, televisão além das redes sociais.

¹ Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE em Belo Horizonte. Professor do Instituto Teológico Franciscano (ITF) em Petrópolis-RJ. E-mail: robsonrocastro@gmail.com.

Neste pequeno texto, não farei um relato idolátrico da família, mas algo mais real e pautado no que podemos dizer ser a realidade de uma vida autêntica com todas as mazelas e problemas existentes.

2 AS TRANSFORMAÇÕES DA REALIDADE

A mudança trazida pelo coronavírus (Covid-19) nos fez refletir o que é de fato o novo normal e a constante relação com o bem comum. Por isso, o mundo mudará a sua condição e seu caminho frente à realidade vivida.

Ambientes que anteriormente estavam cheios, hoje estão vazios como *shoppings centers* e estádios de diversas modalidades esportivas. As escolas e o meio acadêmico de ensino superior se viram reféns desta realidade e suspenderam as aulas assumindo, remotamente, todo o conteúdo do calendário acadêmico.

Não podemos mais viver como antes, não podemos deixar de pensar em uma atualização das nossas condições e, cada vez mais, observar o que de fato fazemos com os nossos irmãos e irmãs. Infelizmente, na condição atual de sociedade, só prezam o descarte e o uso das vidas humanas como mero objeto. Devemos nos assemelhar ao Cristo que se coloca ao serviço do próximo.

É necessário observar a consciência de cada indivíduo e sua condição frente à realidade da pandemia. As novas tecnologias e redes sociais como *whatsapp*, *skype*, *google meet*, *zoom*, *Microsoft teams*, entre outras, corroboram para um grande envolvimento dos fiéis nas celebrações, cultos e atividades pastorais que, até então, eram presenciais.

Por isso, é importante refletir a mudança de época que estamos vivendo e os “sinais dos tempos” como foi observado no Concílio Vaticano II (1962-1965) que afirma que é

dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático. (CONSTITUIÇÃO, 1965, n. 4)

Para tanto, a realidade vivida nos apresenta esta condição de membros da Igreja e autênticos discípulos. Uma transformação que é visível trata-se do esvaziamento de grandes centros, diminuindo o ritmo frenético do capitalismo e o consumismo.

Um fator importante a ser observado é que o vírus atinge a todos, mas são as classes mais fragilizadas da sociedade que sofrem com hospitais precários e falta de vagas.

3 A IGREJA DOMÉSTICA

A utilização dos meios de comunicação merece atenção, uma vez que, para se atingir o público é preciso agir de forma transformadora da realidade. As Igrejas vazias e as celebrações *on-line* deram um novo ar à realidade eclesial: a mudança ocasionou um maior envolvimento de todos ao celebrarem juntos, porém em casa.

É preciso observar que a pandemia nos proporcionou reavivar, de certo modo, nossa empatia pelo ambiente em que vivemos, neste caso, nossa casa. Essa transformação alterou a nossa realidade e a convivência que, de certo modo, tornou-se obrigada devido ao isolamento social.

Nesta realidade, a reflexão de João Paulo II sobre a Igreja doméstica diante da realidade atual é importante para redescobrir os vínculos existentes e suas condições para organização de uma sociedade mais humana e justa.

Para melhor compreender os fundamentos, os conteúdos e as características de tal participação, ocorre aprofundar os vínculos múltiplos e profundos que ligam entre si a Igreja e a família cristã, e constituem esta última como “uma Igreja em miniatura” (*Ecclesia domestica*), fazendo com que esta, a seu modo, seja imagem viva e representação histórica do próprio mistério da Igreja. (JOÃO PAULO II, 1981, n. 49, grifo do autor).

De fato, a vida no ambiente familiar transformou as relações e evidenciou a importância da igreja doméstica.

A casa e a família sempre foram igrejas primeiras, domésticas, onde se mama o leite e a fé. Contudo, em tempos de secularização, muito dessas características se foi perdendo e o estilo de vida não contempla mais as possibilidades que havia antes. As pessoas estão tão apressadas, com tanto

por fazer... Cada membro da família tem horários diferentes. Quase deixou de existir a refeição em família; cada um com sua bandeja, comia o almoço ou o jantar esquentado no micro-ondas, diante da televisão ou do computador. (BINGEMER, 2020).

Com este cenário, encontramos uma família que pouco se encontra, mas que, diante da realidade e das condições vividas se viu forçada a refletir seus espaços e ocupar realidades antes imaginadas ou até mesmo desconhecidas do lar. Por isso, a realidade das famílias e suas diversas configurações nos colocam em um emaranhado de contextos.

E, paralelo a esta nossa realidade atual, é necessário observar a Sagrada Escritura, principalmente os Evangelhos. Jesus sempre se fez presença nas casas: esteve na casa de Pedro para curar sua sogra (Cf. Mt 8,14), foi à casa de Mateus (Cf. Mt 9,10), esteve na casa de Zaqueu (Cf. Lc 19,5), entre outros. O povo procurava Jesus na sua casa (Cf. Mt 9,28; Mc 1,33). Quando ia a Jerusalém, Jesus parava em Betânia, na casa de Marta, Maria e Lázaro (Cf. Jo 11,3). Ao enviar os seus discípulos, lhes pedia que anunciassem ao chegar: “a paz esteja nesta casa!” (Lc 10, 5). Tais relatos nos apresentam a condição de Jesus dentro das casas e sua atuação diante daqueles que o procuravam.

O que hoje nos carece de entendimento é a relação humana frente ao caminho que percorremos, por isso é necessário o alicerce de uma boa espiritualidade, pautada na condição de membros de uma verdadeira igreja doméstica. A realidade da pandemia da Covid-19 revelou uma relação mais aprimorada do que é uma relação dentro do lar, independente da configuração familiar.

Papa Francisco, desde o início do seu pontificado em 2013, alerta para a realidade de uma Igreja em saída e que se assemelha a um hospital de campanha. Não algo fechado em si que atenderia apenas a alguns seletos pagantes como em um plano de saúde, mas um hospital aberto atento aos feridos que chegam. Sendo assim, ele assevera que:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem

um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37). (FRANCISCO, 2013, n. 49)

Com esta realidade, a Igreja não deve ser o centro das atenções, mas deve ser o local onde se buscar abrigo e refúgio. Infelizmente, em tempos de isolamento social, devemos nos atentar para a nossa condição de verdadeiros templos vivos e não somente coadjuvantes de uma realidade eclesial. Devemos assumir o nosso protagonismo e ser discípulos e discípulas missionárias, como nos apresenta o documento final da Vª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (CELAM), ocorrido em Aparecida no ano de 2007:

Esta V Conferência se propõe “a grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo”. Com desafios e exigências, abre-se a passagem para um novo período da história, caracterizado pela desordem generalizada que se propaga por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã e pela emergência de variadas ofertas religiosas que tratam de responder, à sua maneira, à sede de Deus que nossos povos manifestam. (CELAM, 2007, n. 10)

De fato, para compreender esta condição de discípulos e da mudança em curso, é preciso observar os “sinais dos tempos”, como já evidenciado pelo Concílio Vaticano II, pois estamos acompanhando um período de grande transformação.

O que efetivamente vem acontecendo é uma mudança cultural, ou seja, uma mudança nos critérios últimos de se compreender a vida no seu conjunto e a dimensão religiosa dentro dela. O Evangelho permanece o mesmo. Muda o instrumento pelo qual o Evangelho é transmitido. O desafio, em mudanças de época, consiste em distinguir entre o que é essencial na vivência e o que é marca cultural de tempos que não voltam mais. (AMADO, 2009, p. 20)

Assim, é preciso observar nossa aceitação ao projeto de evangelizadores e discípulos de Cristo, sem receio de errar ou de se desviar do caminho, mas seguir o projeto autêntico de membros da igreja doméstica como acolhedores de todos que buscam encontrar refúgio no

meio de cada conflito e dificuldade vivenciada. Para tanto, é preciso que a Igreja assuma uma dimensão mais “doméstica, isto é, mais familiar, adotando um estilo de relações mais humano e fraterno”. (JOÃO PAULO II, 1981, n. 64).

Assim, a igreja doméstica se transfigura como sendo uma igreja atuante e comprometida com o bem da família, independente de sua realidade e configuração, sem paradigmas ou mesmo modelos. A família é versátil e promotora de uma sociedade autêntica.

CONCLUSÃO

Diante do que se propôs, a realidade da igreja doméstica e sua realidade, nos colocamos atentos aos “sinais dos tempos” e às constantes transformações existentes no ambiente familiar. Desta forma, conseguimos observar que a família se transformou e se preocupou com aquilo que hoje a sociedade nos convoca a refletir.

A igreja doméstica, parcela atuante e pulsante da Igreja templo é a parte viva de uma Igreja até então pouco conhecida. Somente com o isolamento social foi possível vivenciar algumas experiências importantes, observar sua verdadeira proposta de mudança para a Igreja: a forma mais humana e fraterna das relações.

Assim, como discípulos missionários, a família, independente de suas características, assumiu o convívio social e comunitário de forma obrigatória devido ao isolamento social por conta da pandemia do novo coronavírus.

Por fim, é necessário refletir sobre nossas realidades e vivências, observar o caminho que temos e nossa condição de membros de uma família que se preocupa com o próximo e suas mazelas, além de sermos protagonistas da verdadeira mudança a fim de que, com esta condição, possamos seguir em frente atuando e promovendo o discurso evangélico de amor e caridade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Joel Portela. Mais que loucura: o desafio de seguir Jesus no século XXI. In.: RUBIO, Alfonso Garcia; AMADO, Joel Portela (Org.). **Espiritualidade cristã em tempos de mudança: contribuições teológico-pastorais**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 17-32.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Igreja hoje: do templo para casa. *Jornal do Brasil*, 02 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/07/1024481-igreja-hoje--do-templo-para-casa.html>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CELAM. (Conselho Episcopal Latino-Americano). **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 141-256.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Familiaris Consortio** sobre a função da família cristã no mundo de hoje. 1981. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html>. Acesso em: 26 nov. 2020.